

Em abono de sua imparcialidade confessa-se o Sr. Raul Lino entusiasmado com um edifício bancário construído há pouco em Filadélfia, Estados Unidos. Há aí um grande apuro na parte material da construção. Madeiras lisas, metais brilhantes e polidos, ausência de qualquer idéia espiritual. "Isto quasi não seria arquitetura — diz êle — mas simples construção, não fôra a criteriosa escolha na qualidade e côr dos materiais empregados. Domina em tudo o material pela sua qualidade intrínseca. Quem entra neste edifício vem para levantar ou depositar dinheiro e pretende apenas ser atendido com brevidade. Que lhe importa o estilo do edifício? Não será a segurança da casa-forte o que mais lhe interessa? Por isso não há sombra de espírito nesse estabelecimento, a não ser — espírito de economia".

Em tempos, procurando definir o estilo que correntemente se costuma chamar modernista, Raul Lino escreveu — "É um estilo que participa da lisura da máquina, talvez pela importância que na vida moderna os meios mecânicos de transporte têm assumido; é uma arquitetura que apresenta ao mesmo tempo caráter sanatorial, devido por certo, ao culto da higiene na atualidade; estilo abstinente quanto á fantasia, de acôrdo com a imperiosidade das leis econômicas e que não conhece distinções entre nações, por causa de conhecidas tendências internacionalistas no campo da política social; estilo nítido, severo, acerado e frio, de caráter científico e individual. Não é desprovido de beleza e não se lhe pôde negar util influência na evolução natural e lógica da arquitetura. Numa palavra: é a expressão pura do materialismo absoluto, do materialismo de ontem, que-ro-crêr".

Alimentamos a esperança que o tipo estandardizado de edificação, aquelas paredes lisas e inexpressivas separando compartimentos que mais parecem cabines de borlo, o abuso do vidro e a filia pelos terraços, não sejam mais que moda em arquitetura, moda que naturalmente passará, eliminada espontaneamente pela lei fatal da evolução, pela reação do bom-senso e também pelo espírito de fantasia que obriga o homem, em qualquer tempo ou lugar que esteja, a cercar sua vida de poesia e motivos de devaneios. Esta necessidade de enleio e fantasia faz-se sentir principalmente nos edifícios destinados ao descanso do corpo e do espírito ou a fins mais ou menos culturais e artísticos. Essa reação já se faz sentir em toda a parte.

A respeito dessa malfadada arte modernista, o grande pintor espanhol Julio Moisés assim se externava recentemente em Buenos Aires, em entrevista: "Por lo que atañe al mal llamado arte modernista, que tanto dió que hacer a los "marchands" de París y Berlim algún dia, puedo decir, con verdadero placer, que su moda, pues solo moda fué y no escuela en arte, ha muerto ya. Picasso, maestro en dicho sentido, está pobre

y semiolvidado en Barcelona. Van Dongen advierte que un largo crepusculo se ciñe sobre sua manera de retratista mundano. Hasta los rusos, tan avanzados, desdñan ya lo que fué su expresion de un momento. Volvemos pues a las trayectorias tradicionales. No que ello signifique estancamiento o sumision, sino que lo verdaderamente valioso es hallar, dentro de dichas lineas directivas la forma de salvar las dificultades de la labor de arte y de concebir la obra bella".

O espírito na arquitetura se afigura tão necessario ao Sr. Raul Lino que êle chega a afirmar que sem espiritualidade, sem frásica, nenhuma construção merece o nome de arquitetura.

Depois, mais fluente, emaranhando pensamentos em finissimo bordado, o conferencista compara a Arquitetura com a Música.

"Na música o elemento primitivo da emoção manifesta-se a descoberto, pôde dizer-se, e tão forte é o seu poder emocionante que só não se torna esmagador por serem as obras musicais executadas em tempos sucessivos, ao contrario da arquitetura, cujas criações existem fixadas no espaço".

De uma felicidade única é esse pensamento a respeito das relações que entre si apresentam a arquitetura e a música: "A Arquitetura é a Música petrificada ou congelada".

A imagem, porém, que mais agrada ao Sr. Raul Lino, na representação sintética da Arquitetura é aquela famosa figura de vitória, conhecida por Vitória de Samotrácia, de azas mutiladas e busto erguido em heráldico pôrte, exuberante de força e beleza: "A Arquitetura é Música eternamente prês a matéria, que não pôde, como sua irmã, a arquitetura dos sons, desligar-se da Terra e seguir o vôo do pensamento que lhe insufflou a vida".

Todos estes conceitos emitidos pelo arquiteto português, que tivemos a felicidade de conhecer e de ouvir, são de uma harmonia e justiça sem igual.

Por isso se explica sobejamente toda a simpatia e admiração com que foi acolhido pela sociedade brasileira, quer do Rio de Janeiro, quer dos Estados que percorreu, sentimentos esses que perduram ainda, mesmo depois de nos ter deixado para voltar ao seu Portugal distante.

• RAUPL006

DE JOSEPH MONIER

A LE CORBUSIER

Tarsila do AMARAL

Os arranha-céus esmagadores da America do Norte, as construções — monumentos, que hoje desafiam a tradição, tiveram sua origem na França, numa inven-

ARQUITETURA E URBANISMO 185
SETEMBRO E OUTUBRO DE 1936

Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade/CIEC
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp - Brasil